



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Turismo e Lazer [AT]

“QUANDO AS CÂMARAS FOCAM CRIANÇAS NEGRAS” – UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO SOBRE O TURISMO DA POBREZA E DO “OUTRO” NO BAIRRO DA QUINTA DO MOCHO.

CHAVES, Henrique

Mestrado em Sociologia, FCSH/NOVA, henrique.chaves.costa@gmail.com

Resumo

A Quinta do Mocho (Loures), que até há pouco mais de dois anos era lembrada por ser um bairro social passou a ser conotada como um bairro de referência. Este bairro tem neste momento uma Galeria de Arte Pública, esta galeria impulsionou uma transformação no bairro que alterou duplamente a sua fachada. A GAP alterou, fisicamente, as fachadas dos prédios com as obras artísticas. Também podemos dizer que alterou metaforicamente a fachada do bairro. A mudança da fachada, mostra como esta transformação física deu contornos mediáticos e sociais ao bairro, transformando a sua “fachada” num bairro que é em si mesmo uma galeria de arte. Esta galeria propiciou que existissem lógicas de turistificação dentro do bairro. Pessoas externas ao bairro e turistas começaram a visita-lo regularmente para verem os murais. Sendo organizadas periodicamente visitas guiadas pela GAP. Nestas visitas, os próprios moradores, o seu modo de vida e os seus costumes tornaram-se assim “montra” para os turistas que o visitam. Como tal temos o turismo relacionado à GAP onde se soma à observação sobre os moradores, as crianças, e a possibilidade de estar num bairro que há pouco mais de dois anos era conhecido como sendo um sítio a evitar. Perversamente, existe o turismo da pobreza camuflado ou associado com o turismo artístico. Como tal, pretendo discutir quais são os limites destas lógicas no bairro da Quinta do Mocho.

Abstract

Quinta do Mocho (Loures), which was until only about 2 years ago remembered as a social neighbourhood is now seen as a stand-out neighbourhood. It now has a Gallery of public art, which has boosted a transformation that has doubly changed its façade. The gallery changed, physically, the façades of the buildings with its artistic works. We can also say that it altered metaphorically the façade of the neighbourhood. The change in the façade shows how this physical transformation gave to the neighbourhood new mediatic and social contours, turning it in a neighbourhood which is in itself an art gallery. This gallery allowed the neighbourhood to grow some touristic logics, which it didn't have before. People external to the neighbourhood and tourists are starting now to visit it regularly, aiming to see the art works. There are now regular guided visits through the gallery. In this visits, the habitants themselves, their way of life and their customs become a showcase for the tourists that visit it. Gallery related tourism is then added a new layer, the possibility to observe the habitants and the children and well as the possibility to be in a neighbourhood which was very difficult to visit 2 years ago, known as a place to avoid. Perversely, there exists camouflaged poverty tourism or associated with artistic tourism. I pretend to discuss the limits of this logics in the Quinta do Mocho.

Palavras-chave: “Quinta do Mocho”; “turismo da pobreza”; “murais” e “*graffiti*”

Keywords: “Quinta do Mocho”; “slum tourism”; “murals” and “*graffiti*”

[COM0565]

A Quinta do Mocho, localidade na freguesia de Sacavém (Loures) há, sensivelmente, dois anos era lembrada por ser um bairro social, com várias características da marginalidade urbana discutida por Lóïc Wacquant (2001) nos exemplos para o *ghetto* norte-americano e os *banlieue* franceses. Após uma política pública realizada pelo actual executivo da Camara Municipal de Loures, no entanto, este passou a ser reconhecido como um bairro de referência no que toca a arte, especificamente a arte urbana/*street art*. Este bairro tem neste momento uma Galeria de Arte Pública (GAP). Esta galeria é composta, por aproximadamente sessenta obras de *street art* que cobrem as empenas dos edifícios do bairro. As obras foram realizadas por artistas portugueses e estrangeiros de referência no meio artístico da *street art*, no que concerne ao muralismo e *graffiti*.

A GAP impulsionou uma transformação no bairro que alterou duplamente a fachada do bairro: tanto numa perspectiva física; como num prisma metafórico. No primeiro caso, a GAP alterou, fisicamente, o aspecto dos prédios com obras artísticas. Do ponto de vista da metáfora, entende-se que como esta transformação física deu contornos mediáticos e sociais ao bairro, transformando a sua “fachada” num bairro que é em si mesmo uma galeria de arte, sendo referenciada nos principais meios de comunicação portugueses e nos canais de comunicação dos circuitos artísticos da *street art*.

Assim, esta galeria propiciou que existissem lógicas de turistificação dentro do bairro. Consequentemente, pessoas externas ao bairro e turistas começaram a visitar regularmente o bairro para verem os murais presentes no mesmo. Por tudo isso, a Câmara Municipal de Loures e os seus intervenientes no local, moradores e activistas organizam periodicamente, no último sábado de cada mês, uma visita guiada pela GAP. Além destas visitas organizadas de forma periódica, acontecem regulamente no bairro várias visitas “por encomenda”, ou seja, uma escola, uma associação ou uma autarquia pede à CML que organize uma visita ao bairro, conciliando-se os horários com os guias, que também são moradores do bairro (a quem chamarei sempre moradores-guia). Têm vindo a acontecer visitas destas quase todas as semanas e por vezes mais de uma vez por semana no bairro. Além dessas visitas, existe pelo menos uma empresa que realiza *tours* dedicados à *street art* na região de Lisboa. Estes *tours* não têm como objectivo concreto passar pela Quinta do Mocho, mas sempre que os turistas interessados assim o desejam o responsável pela realização da visita acede em passar pela Quinta do Mocho.

Este *papper* é um trecho da minha dissertação de Mestrado que se foca na GAP, com base nos contributos teóricos de Henri Lefebvre (1968) e o aprofundamento proposto por David Harvey (2008) sobre o direito à cidade. Sendo este *papper* um excerto que sai um pouco fora do âmbito da dissertação, enfatizando as visitas, através do meu trabalho de campo no bairro, tanto nas visitas guiadas como fora destas. Para este *texto* sirvo-me também de entrevistas que foram realizadas para a tese e da minha pesquisa dos artigos publicados na comunicação social portuguesa. Pretendo contudo, saber como moradores e decisores convivem com estas lógicas, se as combatem, ou até mesmo se as consentem, olhando para as mesmas como forma de atracção.

Sobre as visitas que acontecem no último sábado de cada mês, foram essas que acompanhei mais de perto no meu trabalho de campo e, como tal, farei aqui uma pequena descrição etnográfica das mesmas.

As visitas começam às dez da manhã na Casa Cultura de Sacavém, que fica ao lado do bairro. No início é apresentada a origem deste projecto pela vereadora da CML e, na eventualidade da ausência da vereadora, está, por norma, presente o seu adjunto. Essa pequena apresentação têm duração de cerca de dez minutos, após a qual, um dos moradores-guia apresenta e fala um pouco dos cuidados a ter nessa visita, nomeadamente a nível de segurança rodoviária¹. No fim, agradece também a presença de todos, mencionando o importante contributo dos visitantes, através do seu interesse, na melhoria da imagem do bairro. No final desta apresentação inicial saímos todos da Casa Cultura e seguimos em direcção ao bairro. Por norma, estão presentes três moradores-guia que se vão revezando na apresentação das obras e as visitas demoram cerca de duas horas e meia. Em direcção à primeira obra presente no bairro vê-se a representação de Amílcar Cabral que exemplifica como várias das obras presentes no bairro foram pintadas com o objectivo de retratar assuntos caros ao bairro, aos moradores e à realidade ali vivida. Por isso, nas visitas guiadas os moradores-

guia fazem questão de relacionar as obras e estas questões informando um pouco mais sobre a realidade do bairro. Por exemplo, contextualizando quando surgem obras referentes à representação das mulheres ou obras sobre o valor da união ou sobre actividades musicais e músicos².

Sobre os visitantes das várias vistas que presenciei, na generalidade, houve pouca participação de negros ou mesmo nenhuma, em alguns casos. Estiveram sempre presentes mais mulheres que homens, sendo que neste caso concreto a diferença não era muito visível. Não possuindo dados estáticos reais sobre isto, arrisco-me a dizer que a faixa-etária dos visitantes estava normalmente acima dos trinta anos. A relação destes com os moradores-guia em muitos casos era uma relação de intensa curiosidade, com várias pessoas a fazerem perguntas sobre as obras e/ou os artistas.

O papel dos moradores-guia nestas visitas também é relevante para compreendermos a importância e a particularidade das mesmas. São todos rapazes e realizam esta actividade sem remuneração, mas no final das visitas uma das pessoas da CML, que está nesse dia na visita, pede para aqueles que tiverem interesse e disponibilidade possam dar um contributo monetário para estas visitas, afirmando sempre a importância da gratuidade do acesso à cultura, mas argumentando que os moradores-guia não recebem para fazer estas visitas. Dos visitantes, várias pessoas se disponibilizam para dar algum contributo monetário. Este dinheiro depois é dado aos moradores-guia que o dividem entre si e quando o consideram superior às suas necessidades imediatas, guardam parte deste dinheiro para investir na criação de produtos de *merchandising*, como por exemplo, pins e ímanes com desenhos relativos aos murais presente no bairro que são vendidos durante as visitas.

Há menos de dois anos as pessoas categorizavam a Quinta do Mocho como um bairro a evitar e fomentavam-se vários estereótipos sobre a sua realidade conotando o bairro com a violência e o tráfico. Neste momento, o bairro é capa de jornais, é uma referência mundial no que toca a *street art*, tendo ficado em segundo lugar num concurso europeu de *street art*. Em Junho, a Câmara Municipal de Loures organizou o Festival de Arte Pública por todo o município, onde praticamente todas as freguesias do concelho de Loures tiveram direito a pelo menos uma intervenção artística, onde estiveram presentes mais de 100 artistas (só no Mocho numa semana pintaram mais de dez artistas). Para promover este festival a CML chegou inclusive a realizar um anúncio televisivo. Este projecto foi uma forte aposta por parte da autarquia de Loures na fomentação desta política cultural, agora por todo o município. E foi assim, que se conseguiu atrair visitantes ao bairro, muitos deles estrangeiros.

No meio desta promoção sobressai um importante ponto para discussão, os próprios moradores, o seu modo de vida e os seus costumes tornaram-se assim “montra” para alguns visitantes no bairro. Com efeito, o turismo relacionado à GAP soma-se à observação sobre os moradores, as fotografias às crianças do bairro como atracção turística, a possibilidade de se estar num bairro que há pouco mais de um ano era conhecido por ser um bairro a evitar, a criação de um discurso que delimita uma distância (ou uma aproximação cuidada tendo como base o referencial do visitante) entre visitante e moradores.

| |
|---|
| Uma criança com cerca de cinco anos colocou a sua cabeça na janela da sua casa, a casa era no primeiro andar do prédio, e este pequeno acto levou a que vários visitantes tirassem fotografias à criança. |
|---|

| |
|------------------------------------|
| Nota do Caderno de Campo: 31/10/15 |
|------------------------------------|

Nesta mesma visita, um visitante exclamou para a pessoa que estava ao seu lado: “olha, até está asseada!” Referindo-se à entrada de um dos prédios no bairro. Estes momentos revelam assim o distanciamento dos

visitantes face aos moradores e uma espécie de zoo-humano aliado a um sentido de superioridade entendido como natural à partida para quem visita este bairro.

Noutra visita guiada pelo bairro, presenciei novamente este mesmo registo. Como faço notar no meu caderno de campo:

Logo no início na horta urbana essas três pessoas com câmaras fotográficas profissionais começaram a tirar fotografias daquele espaço. Uma delas a tirar fotos de vários objectos e pessoas que estavam ali ao redor. No seguimento da visita, tiravam fotos, por exemplo, a um carro em péssimas condições. Um rapaz negro do bairro apareceu com uma bicicleta modificada e ficou a andar entre nós por algum tempo durante a visita. Isso significou muitas fotografias sobre si desde que ele apareceu até o momento que foi embora. Tiravam-se fotografias a algumas crianças nas ruas. Ao modo como estava colocada as roupas no estendal

Nota do Caderno de Campo: 19/03/16

Perversamente, existe o turismo da pobreza associado com o turismo artístico. De igual forma, temos o turismo sobre o “outro”, aquele que é desconhecido: o imigrante, o negro, o pobre, no geral pessoas que por norma estão distanciadas do “português branco comum” (Said, 1978).

Na pesquisa sobre publicações de artigos em torno da Quinta do Mocho na imprensa portuguesa, surge duas publicações em que estas questões são levantadas, uma no jornal Público e outra na Revista Visão. Baseando-me nesta última cito uma das pessoas que foram entrevistadas para esta esta reportagem, que é também um dos moradores-guia: “«Sentimo-nos valorizados. Ao princípio parecia que as pessoas vinham ao zoo ver os africanos, mas depois a mentalidade mudou» assegura Kally. «E antes, com a má fama que tínhamos, ninguém queria cá vir» acrescenta, confessando que agora sonha criar um negócio associado à arte urbana para «agarrar» os jovens do bairro.” (Vânia Maia, 2016, pp. 86-88 – Revista Visão)

Das entrevistas realizadas, uma das questões tinha como objectivo reflectir esta questão. Como tal, como uma das principais pessoas envolvidas na dinamização do projecto, a vereadora Maria Eugénia Coelho (Departamento da Educação; Departamento de Coesão Social e Habitação; Departamento de Recursos Humanos), dá-nos a sua opinião sobre essa questão:

A galeria é um meio para ajudar a derrubar os rumores e os estigmas que as pessoas têm. Eu estou convencida que, algumas pessoas (poucas) podem ir a Quinta do Mocho não porque associam só a Galeria, mas também a fama do passado, mas isso se derruba rapidamente. (...) E portanto, as visitas são para derrubar este preconceito. Agora compreendo, que se diga: «ah vou visitar os bairros sociais ou as favelas no rio de janeiro». (...) Não se vai a um jardim zoológico ali não (...) mas é um impulso positivo para se criar uma zona igualitária. Igualitária, se é assim que se pode dizer, sendo que todos os sítios são diferentes. Agora as pessoas que lá estão são iguais a nós, nós vamos lá para ver as pinturas.”

Excerto da entrevista a vereadora Maria Eugénia Coelho

No bairro quando os moradores são questionados sobre o que acham das “pinturas” ou das visitas de várias pessoas no bairro, praticamente todos os moradores com quem eu falei dizem o mesmo: as pinturas são muito bonitas e gostam de ver os visitantes no bairro. O que acaba por diferir nas observações feitas pelos

moradores é o seu conhecimento (ou não) dos significados das obras, observações de desgosto relativo a uma obra. Mas na generalidade há uma visão positiva sobre o bairro actualmente, comparando até a realidade passada. No terreno foram poucos que criticaram o comportamento de alguns visitantes.

O projecto da GAP no Mocho é um projecto muito recente, com tudo que isso implica. Até este momento e de acordo com aquilo que já recolhi no terreno, percebo que nas visitas guiadas há sempre uma pessoa ou mais, que enveredam por um comportamento que se poderia denominar como turistificação do outro, mas para os moradores e, principalmente, para o poder local o projecto possibilita várias mudanças concretas no bairro e é neste sentido que a CML procura trabalhar. Por outro lado, os moradores também estão numa posição de reivindicação de melhorias concretas no seu bairro, nomeadamente que a acção da autarquia não pode ficar limitada à GAP sendo preciso garantir melhorias concretas para o seu quotidiano. Com isso, penso que as preocupações relativas à turificação do “outro” no Mocho é ainda um problema secundarizado para ambos os lados. Por fim, surge-me essa questão paradoxal, por um lado as visitas possibilitam uma transformação física no bairro com consequências positivas para os moradores no que toca às infraestruturas e serviços, por outro lado, estas mesmas visitas podem colocar os visitantes e os moradores em patamares diferentes no mesmo espaço, de um lado o visitado e do outro o visitante: estes últimos são aqueles que têm mais poder simbólico e económico e essa posição possibilita que vejam os primeiros mais como uma atracção turística, sujeitos ao olhar das suas câmaras, e motivados pela forma como percecionam o “nativo”, como um “outro”

Referências

Harvey, David (2008). O Direito à Cidade, *Lutas Sociais* 29,73-89.

Lefebvre, Henri (1968). *O Direito à Cidade*. Lisboa: Estúdio e Livraria Letra Livre.

Said, Edward (2003). *Orientalismos*. Lisboa: Colibri

Wacquant, Loïc (2001). “Gueto, banlieue, favela: ferramentas para se repensar a marginalidade urbana”, Comunicação apresentada no *XXU Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*, Caxambu, ANPOCS.

Imprensa Escrita:

Revista Visão (30/06/2016)

¹ Como por exemplo, quando estamos a ver as obras ter atenção aos carros – quando os grupos são demasiado grande acima de trinta ou mesmo cinquenta pessoas ocupa-se grande parte da rua.

² Neste caso, há uma obra com o rosto de um dos músicos do bairro. A obra foi realizada pelo Vhils e o rosto que vemos nesta obra é do DJ Nervoso.